

## OS DESAFIOS DO AMBIENTE ESCOLAR PARA CRIANÇAS AUTISTAS.

Alan Marcel de Barros, Alice Gritti, Maria Elisa Amaral Piva, Maria Isabel Amaral Piva Baroni

### Resumo

O estudo investigou o impacto do ambiente escolar no desenvolvimento de crianças com autismo. Como método, utilizou-se a pesquisa bibliográfica. Este estudo tem como objetivo defender a hipótese de que o ambiente escolar é um importante recurso para enriquecer cada vez mais a experiência social das crianças com autismo, e que também oferece oportunidades para que esses alunos interajam com os demais, o que contribui para o novo desenvolvimento e para a aprendizagem, além de novos comportamentos. Assim, esse envolvimento com alunos e professores possibilita que alunos autistas enriqueçam seus comportamentos e aprendam novas habilidades. Essa exposição também estimula sua capacidade de interação e evita o isolamento, uma das principais características das pessoas com autismo. A interação através do contato com os outros ajudará essas crianças a socializar. Com base nesses pressupostos, verificou-se que as crianças com autismo estão cada vez mais integradas ao ambiente escolar. Então, a presença deles nesse ambiente pode realmente desenvolver enormemente suas habilidades.

**Palavras-chave:** Autismo. Inclusão. Ambiente escolar.

---

## INTRODUÇÃO

A educação é, portanto, direito de todos, independentemente de sua condição, e é essencial para o desenvolvimento físico, intelectual ou emocional de qualquer criança, pois somente por meio da educação essas crianças podem viver uma vida digna em sociedade. Constatamos que muitas crianças com algum tipo de necessidades especiais hoje conseguem se desenvolver cada vez mais no contexto da integração na educação escolar.

O presente trabalho de investigação centra-se no impacto do ambiente escolar no desenvolvimento das crianças com autismo. Portanto, esta pesquisa partiu das seguintes questões de pesquisa: Quais são as vantagens e a importância de integrar as crianças com autismo ao ambiente escolar? Presumivelmente, o ambiente escolar se estabelece como um importante recurso para a vivência social cada vez mais enriquecedora das crianças com autismo, além de propiciar oportunidades para que esses alunos interajam com os demais, o que contribui para o desenvolvimento de novas aprendizagens e novos comportamentos. Assim, esse envolvimento com alunos e professores possibilita que alunos autistas enriqueçam seus comportamentos e aprendam novas habilidades. Além disso, essa exposição estimula sua capacidade de interação, evitando o isolamento, uma das principais características das pessoas com autismo. O contato com outras pessoas ajudará essas crianças a socializar.

O objetivo geral deste trabalho é analisar os pontos fortes e a importância do ambiente escolar no desenvolvimento de crianças com autismo e seus objetivos específicos são investigar o impacto positivo das relações de outros alunos e professores sobre os alunos da educação especial, analisar as mudanças comportamentais em crianças com autismo após a integração e as maneiras pelas quais a integração de crianças com autismo pode contribuir para uma vida mais justa e democrática. Contribuir para uma sociedade onde todos saibam valorizar a diversidade. A relevância da pesquisa tem três dimensões: científica, social e pessoal. O tema escolhido foi: "Os desafios do ambiente escolar no desenvolvimento de crianças com autismo.", pois os pesquisadores eram professores de apoio à inclusão em escolas municipais, trabalhando com crianças com autismo, e considerando que o tema é de extrema importância e importante para o sexo da sociedade de hoje.

Como metodologia, utiliza-se a pesquisa bibliográfica, leitura crítica e documentação de obras relevantes para confrontar temas e confirmar hipóteses. Primeiro, o trabalho atual conceituará o autismo. Em seguida, demonstra a importância de professores qualificados trabalharem com crianças com autismo e, por fim, explora as vantagens de integrar crianças com autismo no ambiente escolar. Por fim, a conclusão e as referências.

---

## **CAPÍTULO I – CONCEITO DE AUTISMO**

O DSM-5 (2014) define o autismo como caracterizado por déficits na interação social e na comunicação social em uma variedade de situações. Ele se enquadra em uma categoria chamada transtornos do neurodesenvolvimento, conhecidos como transtornos do espectro do autismo (TEA). Como resultado, as pessoas com esse transtorno apresentam deficiências em certas áreas do desenvolvimento, a saber: interação social mútua, habilidades de comunicação e presença de comportamentos, interesses e atividades estereotipadas. (Camargo e Bossa, 2012).

Bosa (2006), entende que:

O autismo também é classificado como um transtorno global do desenvolvimento que envolve uma vida inteira de graves dificuldades nas habilidades sociais e de comunicação, bem como comportamentos e interesses limitados e repetitivos. (BOSA, 2006, p. 48).

Tais compromissos aparecem antes dos três anos de idade, quando os pais começam a observar e se preocupar com os traços apresentados. Essas características tornam-se cada vez mais pronunciadas ao longo do tempo. Assim, as pessoas podem observar desde muito cedo dificuldades em interagir com os outros. (Camargo e Bossa, 2009).

Os autores Papim e Sanches, 2013, afirmam que:

Na classificação atual, essa doença é considerada como sendo causada por alterações na função cerebral e, portanto, pertence à ordem neurobiológica, constituindo uma doença que está presente ao longo da vida de uma pessoa e se caracteriza por três aspectos de graus variados: Déficit: relacionamentos sociais, comunicação e comportamento repetitivo e inadequado; os sintomas variam de leves a graves. (PAPIM e SANCHES, 2013, p. 18).

Segundo Praça (2011, p. 27), “Vale ressaltar que cada indivíduo com autismo possui características e limitações próprias, ou seja, raramente o comportamento do autista é igual ao de outros autistas. o mesmo”. Para Nascimento e Cruz (2014), essas diferentes apresentações contribuem para diferentes condições clínicas.

Por isso, vale destacar também a importância de profissionais capacitados para atender as necessidades individuais de cada um deles. No ambiente escolar não é diferente, portanto, há a necessidade de professores qualificados para atendimento educacional especializado. É importante formar educadores com uma visão mais holística da pessoa que vê os outros como aprendizes em potencial, mesmo que muitas vezes isso signifique apenas aquisição funcional da convivência com as pessoas e formação de hábitos básicos (LIRA, 2004).

Portanto, EFA significa um sistema educacional que reconhece, respeita e responde a todos os alunos envolvidos. (Silva e Alanha, 2005). Dessa forma, as escolas devem fornecer infraestrutura física e profissionais capacitados para o desenvolvimento de alunos com necessidades especiais. Para Praça (2011):

Vale ressaltar que as escolas inclusivas devem mudar na estrutura, no currículo, na física e os professores, como profissionais-chave que atuam na educação de alunos especiais, também devem mudar suas práticas para facilitar o desenvolvimento das habilidades de cada aluno, independentemente de sua deficiência ou deficiência. limitação. (PRAÇA, 2011, p. 58).

Jordan 2005 apud Camargo e Bosa (2009) apontam para a necessidade de os professores serem treinados, pois a falta de compreensão de questões como o autismo os impede de identificar adequadamente as necessidades dos alunos.

Para Papim e Sanches (2013), para alcançar resultados favoráveis na educação de crianças com TEA, é necessário organizar e preparar abordagens instrucionais que contemplem toda a diversidade que existe na sala de aula para aproveitar ao máximo o desempenho na resolução de barreiras. Apontam também que não é apenas responsabilidade da família, mas também dos educadores e instituições de ensino, integrar o autista na sociedade e permitir que ele interaja o mais

próximo possível do normal, e assim o faça. Os educadores devem estar preparados para abraçar esta necessidade e suas necessidades.

## **CAPÍTULO II – AMBIENTE ESCOLAR**

De acordo com a Lei nº 9.394/96, seu artigo 58 entende a educação especial como a modalidade de ensino oferecida na rede geral de ensino para alunos com determinadas deficiências, deficiências globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Além disso, a Lei das Pessoas com Deficiência garante, por meio da hierarquia jurídica e da aprendizagem ao longo da vida, que elas sejam capazes de desenvolver seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais ao máximo de acordo com suas características e interesses. e necessidades de aprendizagem.

A inclusão na educação escolar no Brasil é uma ação política, cultural, social e pedagógica que tem como objetivo principal garantir o direito de todos os alunos de estarem juntos, aprenderem e participarem de atividades diversas. (Brasil 2007 apud NUNES, AZEVEDO e SCHMIDT, 2013).

Portanto, “construir uma sociedade inclusiva é fundamental para o desenvolvimento e manutenção de um estado democrático”. (Silva e Alanha, 2005, p. 376). Portanto, o direito à educação e à educação permanente é um exercício de cidadania. O cidadão, independentemente de sua condição, tem direito a todas as vagas garantidas pelo Decreto nº 6.094/2007, seja municipal, estadual e federal. (PAPIM e Sanchez, 2013).

Segundo Brasil apud Nunes, Azevedo e Schmidt (2013), as características das crianças diagnosticadas com autismo podem contribuir para sua exclusão social. Portanto, na realidade atual, a inclusão dessas crianças torna-se cada vez mais indispensável.

Para a Praça (2011):

Ao incluir os alunos com necessidades especiais nas escolas, é possível fomentar o respeito pelas diferenças culturais nas escolas, contribuindo assim para reduzir ou eliminar o preconceito, um dos motivos de exclusão nas escolas e na sociedade. (PRAÇA, 2011, p. 54).

Como resultado, as escolas se estabelecem como um importante recurso para enriquecer cada vez mais a experiência social das crianças com autismo, oportunizando a interação com os pares e facilitando o desenvolvimento de novas aprendizagens e comportamentos. (Nunes, Azevedo & Schmidt, 2013).

Silva e Aranha (2005) também apontaram que a formação do cidadão acontece no espaço da relação professor-aluno, cumprindo assim a grande missão da educação.

O autismo é um transtorno ao longo da vida e a educação é um pré-requisito para que as pessoas autistas adquiram as habilidades para viver uma vida funcional e autônoma (PAPIM & SANCHES, 2013). A interação com outras crianças da mesma faixa etária proporciona um ambiente social que possibilita diferentes experiências, resultando em diferentes trocas de ideias, diferentes saberes, papéis e compartilhamento de atividades que requerem negociação e discussão interpessoal para resolução de conflitos. (Camargo e Bossa, 2009)

Castro, Melo, e Silveiras apud Camargo e Bosa (2009), ainda afirmam que:

Desta forma, os pares representam uma importante fonte de relacionamentos, proporcionando um contexto adicional único e poderoso que influencia as diferenças individuais no desenvolvimento social de qualquer criança. (CASTRO, MELO E SILVARES apud CAMARGO E BOSA, 2009, p.66).

Outro benefício da inclusão é que ela proporciona inclusão social para alunos com necessidades especiais, permitindo que eles se comuniquem com outros alunos. (Praça, 2011). Por isso, Nascimento e Cruz (2014) afirmam:

Portanto, pode-se dizer que a escola é um espaço propício ao desenvolvimento da criança, portanto, o primeiro contato com a instituição escolar deve ocorrer o mais cedo possível na educação infantil. O ambiente escolar proporciona contato social, desenvolvimento e aprendizado não apenas para crianças com autismo, mas também para outras crianças, pois possibilita que elas convivam com a diferença e a diversidade. (NASCIMENTO E CRUZ, 2014, p. 381).

Assim., há muitos benefícios para os chamados alunos autistas conviverem com outros alunos. Para os alunos com autismo, um dos benefícios dessa convivência é “a capacidade de estimular sua capacidade de interação e prevenir seu isolamento, que é uma das principais características das crianças com autismo” (PRAÇA, 2011, p. 54). Ao longo dos anos, as teorias do desenvolvimento social (Piaget, aprendizagem social, sistemas dinâmicos, teoria da interação social etc.), apesar da diversidade de teorias e métodos, concordam que a interação social é uma das condições e fundamentos da construção individual. Para o desenvolvimento humano (CAMARGO E BOSA, 2009).

Portanto, a interação social beneficia a todos, independentemente de sua condição. Para Praça (2011), outro benefício significativo da inclusão é que os alunos com necessidades especiais têm melhores comportamentos, relacionamentos interpessoais e habilidades. Essas habilidades emergem

por meio da comunicação estabelecida por meio da mediação de colegas e professores. (Nascimento e Cruz, 2014). Diante dessas considerações, fica claro que a criança em desenvolvimento típico apresenta um modo de interação diferente para a criança autista. (CAMARGO e BOSA, 2009).

Dessa forma, pode-se perceber diversas vantagens das crianças com TEA no ambiente escolar.

### **CAPÍTULO III – INCLUIR OU EXCLUIR**

Conforme mencionado no capítulo anterior, o ingresso na escola é um marco muito importante na vida de qualquer criança. Mas e quando as escolas excluem em vez de incluir? Afastar em vez de bem-vindo? O processo de inclusão começa no portão, no pátio, no refeitório. Toda a comunidade escolar deve caminhar por uma via de mão única na mesma direção, com um único objetivo: a inclusão. Mas o que exatamente é inclusão? Incluir vem do verbo incluir, do latim *includere*.

Segundo o dicionário online Aurélio, contenção é “o ato ou efeito de contenção”. Incluir, por sua vez, significa "cobrir; compreender; conter; participar; implicar; colocar ou colocar; inserir ou fazer parte de um grupo". Se inclusão é o mesmo que estar dentro, nossos alunos estão mesmo sendo incluídos? Se analisarmos o significado literal da palavra, pode-se acreditar que eles são.

No entanto, atualmente existem poucos problemas fora da sala de aula regular, pois os alunos com necessidades educacionais especiais têm garantido por lei o direito de entrada na sala de aula. Mas se fizermos uma análise mais profunda da questão, reduzindo o sentido literal da palavra “inclusão”, constatamos que grande parte das crianças com algum tipo de deficiência ainda não está matriculada na escola regular. Estão presentes apenas na sala de aula, mas na verdade nem sempre exercem o seu direito de facilitar e proporcionar a aprendizagem.

Se pensarmos na inclusão como realmente fazer parte do grupo, aprender e ter um sentimento de pertencimento, então muitas crianças ainda estão em estado de exclusão, o que, ao contrário da inclusão, significa afastamento. Retirar o quê? Privar as crianças de seu direito de aprender, interagir e se desenvolver fora de sua presença. Não podemos considerar a inclusão escolar sem mencionar os seguintes pontos: o ambiente escolar e o papel dos professores. Um ambiente escolar inclusivo deve ser acolhedor e envolvente, precisa ser uma extensão da família, onde as crianças se sintam realmente confortáveis. Ninguém pode estudar onde não quer estar, onde não é bem-vindo ou desagradável

Para este ambiente, Cunha observou:

Não podemos pensar em inclusão escolar sem pensar no ambiente inclusivo. A inclusão não se dá apenas pelos recursos didáticos, mas também pela qualidade das pessoas [...]. Os alunos

precisam encontrar um acolhimento natural na estrutura do ambiente, estabelecendo uma disciplina espontânea que não conquista o espírito humano, mas o prepara para o aprendizado. Muitas pessoas vêm aqui com a vida familiar conturbada. Ativos ou desatentos, deprimidos ou felizes, eles precisam ser atraídos para o espaço escolar [...]. (CUNHA, 2017, p. 100)

Por isso o ambiente precisa estar adequadamente preparado para que atenda a todos os alunos, sejam ou não portadores de deficiência, a preparação deve atender toda a diversidade de necessidades institucionais da escola. O segundo ponto a considerar é o papel do professor.

Este talvez seja o ponto mais importante e crucial na educação, o esforço do professor aumenta seu interesse em pesquisar e estudar a diversidade que existe na turma, sempre buscando melhorar seu comportamento, podendo alcançar grande sucesso na vida da criança. O professor tem a função de orientar a aprendizagem das crianças, e é ele quem fornece diferentes métodos para cobrir as diferentes necessidades de cada criança. Segundo Cunha:

Não há tolerância sem mencionar o papel do professor. Ele deve ser capaz de trabalhar com inclusão e inclusão. Se um educador não pode incluir os alunos, sua abordagem de aprendizagem sobre dificuldades de aprendizagem e intervenções psicoeducativas serão fúteis. e como incluí-lo? Primeiro sem rótulos, depois ação de qualidade [...] (CUNHA, 2017, p. 101).

Se o professor se preocupa com o aprendizado do aluno, dificilmente ele deixará de aprender, pois o professor irá pesquisar os mais diversos estilos de aprendizagem para ele, e não ficará satisfeito até que isso aconteça. Portanto, a atuação correta do professor facilita muito a inclusão, pois se o professor cumprir fielmente suas funções, a criança de fato será incluída, não sofrerá perda pela presença, mas não aprenderá de fato. Um dos passos mais importantes é que os professores estejam conscientes de seu papel em sala de aula, comprometidos em cuidar e educar de forma acolhedora e pensada para os educandos, sempre buscando novos caminhos e diferentes possibilidades de aprendizagem

O professor precisa entender que ninguém aprende tudo da mesma forma e que tudo que ele ensina não será usado. No entanto, ele precisa entender que encontrar novos métodos de ensino atingirá o objetivo. Quando um professor acredita que o ser humano é um indivíduo único e capaz, ele pressiona a alavanca para o sucesso de todos os alunos, pois acredita no potencial de cada indivíduo e tende a ensinar a partir dele, tornando o aprendizado mais produtivo e prazeroso.

Essa inclusão deve ocorrer também no cotidiano da turma. Mesmo que as pessoas com autismo necessitem de atendimento especializado em algumas situações, os ambientes de sala de aula são os

melhores para o aprendizado, pois o convívio com outras crianças é muito rico, principalmente no que diz respeito à linguagem. Nesse sentido, Orrú acredita:

Alguns dos métodos utilizados para personalizar o trabalho de alunos privilegiados com autismo. [...] Entendemos que trabalhar com pessoas com autismo pode ir em outra direção. Os alunos receberão atendimento individual de acordo com o plano de ensino proposto para atender às suas necessidades de aprendizagem, porém, devem frequentar as aulas com outros alunos sem a síndrome, pois ajudarão a ampliar o ciclo da língua de sinais em sala de aula e trabalharão com o professor para manter o processo de conversação, que é necessário para o desenvolvimento da linguagem de alunos autistas. (ORRÚ, 2012, págs. 152-153)

Mais importante ainda, o professor precisa estar ciente da importância desse espaço para uma criança com autismo, entendendo o fato de que mesmo que ela não esteja aprendendo como as outras crianças, estar ali, socializar, construir seu conhecimento aos poucos já é um grande negócio. Progresso, muito melhor do que sentar no fundo da sala (alunos) desenhando qualquer figura sob os cuidados exclusivos de um assistente. Em relação à adequação curricular, Costa destaca a necessidade de:

A adaptação do currículo à diversidade dos alunos, tendo em conta as necessidades individuais de cada um, é uma medida extraordinária no contexto das escolas inclusivas, que não se limita à mudança estrutural, mas procura aprofundá-la e mudanças sociais, políticas, econômicas e educacionais. (Costa, 2017, p. 42)

Costa (2017) nos fornece alguns pontos para possíveis ajustes nos planos de aula do professor para facilitar para as crianças com autismo aprender o que está sendo aprendido em sala de aula. Veja alguns exemplos dessas adaptações:

- Memória, concentração e equilíbrio: em atividades que estimulem a organização dos materiais de trabalho;
- Socialização, Direitos e Deveres: no exercício das limitações e da vida real;
- Organização do pensamento e da linguagem: na sequência das atividades;
- Internalização do papel do educando entre os alunos: em atividades que valorizam a escola e seus participantes;
- Socialização, Diferença, Emoção e Inclusão: Nas atividades do grupo de alunos, nas atividades da vida real e durante as refeições com outros alunos. (COSTA, 2017, p. 44, destaque do autor).

Este não é um plano de aula exclusivo para crianças, porque se fosse, eles ainda seriam deixados de fora. São ajustes curriculares que podem ser feitos para promover a compreensão dos alunos com

autismo, lembrando que ajustes curriculares são mudanças no currículo para que o ensino seja acessível a todos. Não há necessidade de criar outro plano de aula, mas sim revisar o conteúdo já elaborado para que toda a turma possa acompanhar o conteúdo ou pelo menos parte dele.

A educação inclusiva difere da educação integral (CROCHIK; CROCHIK, 2008) na medida em que exige que as escolas se adaptem para receber alunos com deficiência que representam consistentemente grupos minoritários, e tudo, desde o ambiente até as adaptações curriculares devem ser adaptados para esses alunos. A educação integrada, por outro lado, acolhe esses alunos em um ambiente, mas raramente se adapta às suas necessidades.

A educação envolve mais do que quebrar o labirinto na resolução de problemas, principalmente aqueles inerentes aos alunos autistas. Levando em conta a formação e a personalidade de cada pessoa, a educação fornece o caminho e a estrutura de um processo que passa por drásticas transformações até constituir seu caráter único. É por meio desse processo, no qual existem relações sociais, linguagem e mediação, que os professores descobrem e constroem alternativas de trabalho que podem ser exploradas para o ensino e a formação de seus alunos. (ORRÚ, 2012, p. 160)

Um professor observador e atento às necessidades dos alunos compreende o ponto em que se deve começar para atingir os objetivos desejados. Reconhecendo as necessidades dos alunos, os professores podem criar as condições para que os alunos aprendam. Isso inclui olhar para o que seu filho está interessado; o que ele não está interessado; o que o atrai; o que o incomoda; quais atividades seu filho está mais interessado; qual é a atividade que menos gosta? Por isso, é importante observar para saber por onde começar. Sobre a importância da observação, Cunha (2017) afirma:

Na escola, as emoções do aluno e os estímulos especiais devem ser utilizados para orientar sua aprendizagem, pois na educação quem aponta o caminho aprende e não quem ensina [...]. Não há dúvida de que a observação é o primeiro passo para uma educação com resultados. (CUNHA, 2017, p. 29).

Se as pessoas que orientam o caminho são os alunos e não os professores, é impossível entrar na sala de aula com um plano preparado e completo sem abraçar a mudança. O plano deve ser flexível e capaz de mudar a qualquer momento de acordo com as necessidades do aluno. Dado que as relações humanas são questões muito singulares, é difícil fazer qualquer pergunta que aborde a "educação" de crianças com autismo, mesmo que algumas crianças não tenham autismo e de alguma forma terminem a leitura e a escrita do ensino fundamental.

Nesse sentido, não há forma ou padrão. O que existe são os meios que os próprios educadores devem criar, levando em consideração as necessidades específicas dos alunos e suas particularidades,

para que aprendam, socializem, se desenvolvam e, por fim, avancem no processo de conhecimento escolar de uma forma ou de outra. Pense na vida cotidiana, pensando em ideias simples e possíveis que você pode colocar em prática, ao invés de atividades que não estejam relacionadas ao contexto que podem não fazer sentido para seu filho.

A construção tem que acontecer no dia a dia, dia após dia, para que a criança aplique o conhecimento aos poucos. A escola sozinha não pode fazer nada, requer a ajuda de toda uma equipe multidisciplinar e de outros profissionais, como médicos e psicólogos, todos caminhando na mesma direção para ajudar os alunos a progredir física, pessoal e intelectualmente.

Essa progressão deve ser vista desde o momento em que a criança entra na escola até o final do ano letivo, pois não é uma transmissão mágica de um dia para o outro, mas um processo contínuo que atravessa os muros da escola e se estende até a casa e outros ambientes (Brito, 2015).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de todas as dificuldades que as crianças com autismo enfrentam atualmente em nossa sociedade e todas as transformações ocorridas ao longo dos anos, principalmente quando se trata de incluir essas crianças no processo de ensino e aprendizagem, é necessário validar todos os meios possíveis para que estes possam ser facilitados para o maior desenvolvimento dos alunos. O trabalho atual tenta identificar os pontos fortes das crianças com autismo em ambientes escolares e serem incluídas em um grupo diversificado. Diante da pesquisa sobre o ambiente escolar no desenvolvimento de crianças com autismo, reconhece-se que estar em uma sala de aula comum é benéfico para que essas crianças desenvolvam e aprendam novas habilidades.

É primordial e também necessário que os professores compreendam as facilidades e dificuldades de cada aluno e saibam trabalhar bem com essa diversidade. A organização e elaboração dos estilos de ensino é de extrema importância para lidar com toda a diversidade que existe na sala de aula para acomodar adequadamente a manifestação do transtorno. Com base na abordagem temática empregada, novas pesquisas poderiam ser realizadas sobre a importância do ambiente escolar no desenvolvimento de crianças com autismo, por exemplo, pesquisas poderiam ser realizadas para vincular a educação dessas crianças a novos meios tecnológicos.

No entanto, este trabalho, além de fornecer um referencial teórico inicial para quem já trabalha com crianças autistas em sala de aula, aponta o caminho para futuros pesquisadores, a ampla gama de

possibilidades que essas crianças podem alcançar quando são investidas em sua educação e em seu desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

- BOSA, C A. **Autismo: intervenções psicoeducacionais**. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre (RS), Brasil. p. 47-53, 2006.
- CAMARGO, S. P. H; BOSA, C A. **Competência social, inclusão escolar e autismo: Revisão crítica da literatura**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre Brasil. p. 65-74, 2009.
- CROCHIK, J. L; CROCHIK, N. **Teoria crítica e educação inclusiva**. InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em educação. Campo Grande MS, v. 14, n.28, p. 122-137, jul.-dez./2008.
- CUNHA, E. **Autismo e Inclusão: Psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 7. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017.
- LIRA, S M. **Escolarização de alunos autistas: histórias de sala de aula**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Educação Programa de Pós Graduação Mestrado em Educação .pag 151, 2004.
- NASCIMENTO, F. F.; CRUZ, M.R.L.M. **Da realidade à inclusão: uma investigação acerca da aprendizagem e do desenvolvimento do/a aluno/a com transtornos do espectro autista–TEA nas séries iniciais do I segmento do ensino fundamental**. Polyphonia v. 25/2, jul./dez. 2014. Disponível em: Acesso em 10 jun. 2024.
- NUNES D R.P; AZEVEDO M. Q. O; SCHMIDT, C. **Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura**. Revista Educação Especial. v.
- ORRÚ, S. E. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- PAPIM, A. A. P.; SANCHES, K. G. **Autismo e Inclusão: levantamento das dificuldades encontradas pelo professor do atendimento educacional especializado em sua prática com crianças com autismo**. Monografia apresentada ao Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, UNISALESIANO, Lins-SP, para graduação em Psicologia, 2013, 84p.
- PRAÇA, É. T. P. **Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular**. Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Exatas Pós- Graduação em Educação Matemática, Mestrado Profissional em Educação Matemática. Abril, 2011, 140p.